



Culturas

Teatro & Dança



Entre o céu e a terra

Uma noite de Companhia Nacional de Bailado a provar a versatilidade de bailarinos e coreógrafos

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

Difícilmente seriam mais diferentes os dois espetáculos que esta semana se estreiam na Companhia Nacional de Bailado. A dupla Rui Lopes Graça e João Penalva apresenta “Annette, Adele, e Lee”, e Victor Hugo Pontes traz-nos “Madrugada”. As duas peças partilham a noite, variando entre a decomposição do puro movimento da dança clássica e o aparente puro prazer do corpo em delírio, respetivamente. A quase duas semanas da estreia, os ensaios ainda se fazem nos estúdios de dança do Teatro Camões e, no caso de João Penalva e Rui Lopes Graça (cuja primeira colaboração na criação para a CNB aconteceu em 2016, com “Quinze bailarinos e tempo incerto”), há uma raiz no movimento que sugere familiaridade e nos situa no vocabulário do bailado — o corpo equilibrado numa perna, um braço estendido para a frente e para cima, e a outra perna e braço esticados para trás. Rui Lopes Graça regressa a arabesque, que já havia desmontado e reformulado há 20 anos, nessa obra maior que é “Savalliana”. É novamente uma abordagem com

desvios, mutações, reformulações sobre essa posição canónica, tal como encontramos a mesma tendência no conceito do espetáculo e no ambiente sonoro. Nada é o que parece. Rui Lopes Graça dirá depois que partilha com Penalva esse entendimento de não partir de qualquer “ficção, emoção ou história”. Perante o olhar observador, os dois, juntamente com David Cunningham (responsável pela música), vão tecendo um jogo de “equivocos”, sugerindo ideias que depois não têm correspondência no que é desenvolvido. O uso do arabesque é um exemplo, só a raiz permanece. Outro exemplo é o princípio elementar que funda a peça, concebido por Penalva: os bailarinos dançam ao som da precursão feita por bailarinos que não vemos dançar. O que significa isto? Penalva escolheu três dançarinos de sapateado — os três nomes que constam do título da peça — para gravarem em estúdio o som da sua dança. O que resta desse acontecimento é o som que foi depois transformado por David Cunningham e que agora serve de ambiente ao espetáculo. Há momentos em que

é possível identificar essa origem, mas há outros que produzem uma estranheza desconcertante. Num outro estúdio, 13 bailarinos entregam-se à “Madrugada”, de Victor Hugo Pontes. Por agora, para efeitos de ensaio, as luzes estão baixas, criando uma penumbra que amplifica a vibração delirante do corpo, como que lançados numa *trip* individual, ao som da música eletrónica que Rui Lima vai partilhando, ainda em jeito *djing*. Esta é a segunda peça que Victor Hugo cria para a CNB. A primeira também foi em 2016, “Carnaval”. Esta é uma experiência muito distinta, diz-nos. Deu-se conta que estes bailarinos estão sempre a dançar para alguém, o coreógrafo ou o público. “Há sempre o ‘outro’ como projeção.” Por isso quis fazer uma viagem inversa com eles. Propôs-lhes: “Dancem como se ninguém estivesse a ver.” O momento em que o espetáculo acontece é num espaço-tempo de transição, “já não sabemos se é dia ou noite, estamos num limbo”. São quase 13 solos, que por vezes parecem encontrar-se, mas perdidos algures “a dançar entre o céu e a terra”. ●

ANNETTE, ADELE, E LEE
De Rui Lopes Graça

MADRUGADA
De Victor Hugo Pontes
Teatro Camões, Companhia Nacional de Bailado, Lisboa, 16 a 19 de maio